Morte Em Floripa

Parte II

Alysson H. Maximiano

"No final do dia, é sempre sobre ela."

A.M.

M.J.

Capítulo 1

Sônia estava sentada atrás de sua imponente mesa de madeira colonial, uma relíquia antiga que carregava o peso das décadas. O escritório, banhado pela luz suave do fim da tarde, tinha um ar denso e silencioso, com as cortinas pesadas apenas deixando escapar um brilho dourado, que iluminava sutilmente os contornos de sua figura. Aos 62 anos, Sônia era uma mulher cuja aparência exalava autoridade e mistério. Seu cabelo, quase completamente branco, descia até os ombros de maneira cuidadosa, com apenas alguns fios pretos ainda sobrevivendo ao tempo, como vestígios de um passado distante. Os fios, lisos e perfeitamente alinhados, brilhavam à luz tênue, reforçando sua postura de elegância e seriedade, sua pele, marcada por rugas finas ao redor dos olhos e

da boca, trazia consigo a experiência de uma vida longa e cheia de decisões difíceis, seus olhos, profundos e atentos, observavam o ambiente com a calma de quem já viu mais do que o suficiente e estava disposta a qualquer coisa para se manter no topo usando o método necessário.

Nas mãos, que repousavam sobre a mesa, havia uma coleção de anéis ouro, prata e pedras preciosas, cada um carregando sua própria história. Os dedos, magros e ligeiramente enrugados, moviam-se lentamente, esfregando um contra o outro em um gesto quase automático, mas carregado de uma tensão sutil. Os anéis refletiam a luz do sol poente, lançando pequenos brilhos que dançavam pelo ambiente conforme mexiam seus dedos, Sônia usava brincos igualmente discretos, mas imponentes — pequenos diamantes emoldurados em ouro, que pendiam delicadamente de suas orelhas, acrescentando um toque de sofisticação ao seu semblante já marcado pela força. Seu rosto, mesmo com os sinais da idade, mantinha uma expressão firme, com lábios finos e apertados, como se estivesse sempre à beira de revelar um segredo ou uma ordem; O silêncio no escritório foi quebrado pelo toque estridente do telefone. Sônia não reagiu de imediato. Continuou esfregando suas mãos, os anéis, tilintando levemente, enquanto seu olhar permanecia fixo na tela de seu computador diante dela. Depois de alguns segundos, pegou o telefone com uma calma quase assustadora, seus dedos adornados movendo-se com a precisão e confiança de quem está no controle de cada detalhe à sua volta.

Sônia pegou o telefone com um movimento suave e calculado, aproximando-o lentamente do ouvido, mas não disse nada de imediato. O silêncio da sua parte era tão intimidante quanto qualquer palavra. Do outro lado da linha, uma voz grave e hesitante a saudou.

Era Luiz o secretário de segurança de Florianópolis, um de seus infiltrados no governo, Sônia sabia que ele não era de confiança, mas como aprenderá a algum tempo, era bom ter um carta para queimar quando fosse necessário. Já Luiz era alguém que sabia que o mínimo deslize ao falar com ela poderia custar-lhe caro.

— Capturamos ele senhora...

A voz de Luiz soou firme, mas com um leve tremor oculto. — Rafael foi levado esta manhã. Estão transferindo-o agora, mas..." Luiz fez uma pausa, como se estivesse esperando uma reação que nunca veio. Sônia permanecia em silêncio, seus olhos frios fixos na janela, onde a luz do sol poente começava a desaparecer.

— Para onde ele está sendo transferido?

Sua voz finalmente cortou o silêncio, baixa e controlada, como se ela já soubesse a resposta e estivesse apenas testando.

— Para a prisão do Carlos, senhora, a mesma onde os outros estão..."

Sônia fechou os olhos por um breve momento, uma sombra de um sorriso cruzando seus lábios finos, a tensão em suas mãos desapareceu, e ela parou de esfregar os dedos. Alysson, apenas um leve problema, alguém estúpido que havia tentado prejudica-la, agora estava exatamente onde ela queria que ele estivesse: nas mãos de seus aliados. Um golpe que ele jamais veria chegando.

—Bom!... ela respondeu finalmente, sua voz suave, quase sussurrante, como se estivesse satisfeita com o desenrolar dos acontecimentos.
— Certifique-se de que ele seja recebido adequadamente. Ele precisa entender que suas escolhas têm consequências.

—Sim, senhora. Tudo será feito como o planejado," respondeu Luiz , agora mais confiante e orgulhoso consigo mesmo.

Sônia deixou escapar um suspiro leve, um sinal de que a conversa estava perto do fim.

— Luiz , não tolere falhas. Nem hesitações. Rafael deve revelar onde está Bruno e o dinheiro e você vai garantir isso.

— Claro, senhora. Sem falhas.

Com um leve movimento de seus dedos adornados, Sônia desligou o telefone, sem mais palavras.

Sua expressão permaneceu inalterada, fria e calculista. Ela se levantou lentamente de sua cadeira, caminhando até a janela. A luz dourada do fim de tarde havia desaparecido, dando lugar à escuridão que ela tanto dominava, era hora de reunir seus súditos obedientes, era hora de reunir as pobre massas e pregar a sua verdade enquanto agradecia por Rafael estar em suas mãos, mesmo que ainda não soubesse.

Eliel estava com as mãos tão trêmulas que as sentia formigando e as esfregava uma contra a outra numa esperança tola de sentir algo além da sensação de dormência, sua pele escorria pequenas gotas de suor junto de adrenalina que corria pelo seu corpo fase do seu coração bater acelerado ao mesmo tempo que mergulhava em seus pensamentos e ouvir a voz do Rafael lhe passando a informação sobre Amanda, e agora lá estava ele preso no porta mala da viatura com mãos algemadas e um grande ferimentos na lateral barriga, suas roupas manchadas de sangue, estava fraco e apesar de sua rendição fácil não conseguia acreditar que aquele homem havia invadido uma delegacia e assassinado dois policiais a sangue frio, algo não fazia sentido mas Eliel foi despertado de seus pensamentos pela voz calma do jovem policial que conduzia a viatura.

- Senhor Eliel, senhor?

Eliel olhou para o lado e vou o jovem policial o chamando pronto para aumentar o Tom de voz.

- Senhor estão chamando o senhor no rádio.

Eliel permaneceu impassível estendeu a mão pegando o rádio na viatura, levou até sua boca e aceitou a chamada.

- Senhor Eliel aqui é o major Luiz, o senhor está em posse de um prisioneiro de extrema periculosidade e solicito que traga ele direto para o presidio de Lajes.

Eliel numa expressão surpresa olhou para o policial ao seu lado e respondeu com surpresa em sua voz.

- Bom dia senhor Major, preciso interrogar o prisioneiro na delegacia para antes transferi-lo para o presidio como sempre fazemos.

O silêncio do outro lado do rádio pareceu uma eternidade quando o chiado foi cortado pela voz autoritária do major.

- Sim está correto, porém essa é uma situação especial então estou dando a ordem para que o traga para cá imediatamente foi claro?

Eliel olhou para trás e viu Rafael com a cabeça recostada no vidro da viatura quando respondeu Eliel.

- Você sabe o que você acontecer a seguir.

Eliel virou-se para frente e aceitou a ordem do major e desligando o rádio logo em seguida.

Rafael olhou para Eliel novamente enquanto seus olhos se encontraram através do retrovisor quando Rafael lhe fez um aceno com a cabeça aceitando seu destino, Eliel por outro lado sabia que algo estava errado o procedimento sempre foi interrogar o preso e depois mandá-lo para a penitenciária, mas ordens eram ordens mesmo com sua consciência lhe dizendo que algo estava errado.

Rafael por outro lado permanecia em silêncio sua cabeça passava um filme de tudo que havia acontecido para chegar naquele momento mas o que mais lhe torturava era a ideia de por um descuido Amanda sair ferida, gostaria de ter feito tudo diferente mas a sua arrogância o fez perder o controle da situação, havia falhado e Bruno havia fugido e Aline estava com ele não tendo a mínima ideia do que poderia acontecer a ela, a raiva o dominava

cada vez que pensava em Bruno mas o nome que mais lhe afetava era de Sônia, quem era aquela mulher e qual poder ela exercia naquela organização? Queria contar a Eliel tudo que havia feito, mas não sabia até que ponto poderia confiar nele então preferiu se manter em silêncio e esperar para uma oportunidade de fuga mesmo que fosse mínima.

Quando finalmente chegaram a penitenciária de Lajes, o local parecia abandonado a muito tempo, o estacionamento era largo mesmo com poucos carros oficiais, os portões era feitos em grades e todos vazados podendo ver claramente a rua que se estendia para longe dali, os muros eram altos e cobertos de arames cortantes e claro as guaritas com polícias armados com rifles de precisão tornava o lugar impossível de se fugir, Rafael saiu da viatura mantendo os olhos curiosos em todos os cantos procurando uma saída ou um plano mas nada surgia em sua mente foi quando um dos grandes portões se abriram e um homem de terno saiu caminhando sua direção com 4 guardas formando uma defesa mesmo que desnecessária já que não havia nenhuma ameaça por perto, quando o homem chegou a pouco mais de um metro ele se virou para Arnom estendendo sua mão e se apresentando com um sorriso plastificado.

> - O senhor deve ser o delegado Eliel parabéns pela apreensão sou o diretor da penitenciária meu nome é Carlos Eduardo.

Eliel o cumprimentou, mas antes de dizer algo Carlos Eduardo o cortou dizendo que já estava liberado que agora Rafael era responsabilidade dele, apoia anunciar sua ação Carlos virou de costas deixando Eliel ainda com a mãos estendida e ordenou que um de seus guardas pessoais levasse Rafael para a enfermaria o que foi prontamente feito por um dos homens que acompanhava o diretor quase que religiosamente. Rafael sentiu a pesada não do guarda apertando seu braço e o puxando para caminhar quando Rafael olhou para Eliel disse em um tom para que somente ele ouvisse para que procurasse a delegada Patrícia de São Paulo, Eliel permaneceu petrificado até o momento que a porta se fechou e perdeu todos de vista, Eliel então pegou seu telefone e anotou o nome para que não esquecesse " PATRÍCIA" voltou para o carro e pediu para que o jovem condutor o levasse direto para o hospital militar de Canasvieiras onde Amanda estava internada.

Rafael foi conduzido pelos guardas que seguiam o diretor para onde quer que ele fosse até que chegaram em um elevador bem largo onde o diretor ficou no canto Rafael no meio e os quatro seguranças rodeando Alysson, Rafael então olhou para o diretor quando sentiu o primeiro golpe lhe arrancando todo o ar de seus pulmões, um dos guardas havia lhe acertado um soco em sua barriga causa do um misto de dor e agonia enquanto tentava puxar oxigênio porém logo em seguida ele recebeu um outro golpe na lateral de seu rosto o fazendo cair quando numa tentativa desesperada de se proteger dos golpes alguém acertou um chute em sua nuca fazendo com que perdesse a consciência logo em seguida.

Rafael acordou em uma cela fria e úmida seu corpo inteiro estava dolorido e num gesto intuitivo passou a ponta de seus dedos na costela quando sentiu os pontos seu ferimento na costela havia sido costurado e pela sensação de tontura em sua cabeça percebeu que havia sido medicado e tão levantou mesmo com dor e encostando na parede caminhou até a pequena janela e ergueu seus olhos para cima e pela cor do céu já deveria ser bem tarde com um pouco de dificuldade calculou que deveria ser entre 16 ou 17 horas da tarde já estava perto de escurecer e passou bastante tempo desmaiado que seu estômago roncava então Rafael se arrastou para a sua cama que mais parecia uma pesada mesa de pedra e se manteve sentado por alguns minutos quando uma pequena porta no meio da sela se abriu revelando um grande par de olhos que ao lhe ver fechou rapidamente a pequena porta, e tirou o que parecia ser um grande e pesado molho de chaves até que a porta finalmente abriu, apesar da forte luz que vinha do lado de fora Rafael não pode reconhecer quem estava entrando em sua cela quando viu um uniforme cinza lhe recebendo com uma forte pancada na cabeça o fazendo cair automaticamente e recebendo mais alguns chutes. Após a sessão de tortura Rafael foi levantado e arrastando pelos corredores cinza da prisão até finalmente chegar a um lugar que nem parecia fazer perte do mesmo local, apesar de sua vista embaçada conseguiu ver que era a sala do diretor, quando a porta se abriu os guardas colocaram Rafael em uma cadeira feita de couro com uma grande mesa de madeira maciça e em sua frente alguns papéis cuidadosamente arrumados, um grande monitor branco e algumas canetas em um grande pote que mais parecia um copo junto de alguns clips e grampeador, Rafael passava os olhos em tudo que estava na mesa quando o mesmo

homem engravatado chegou e se sentou em sua frente e ainda com o sorriso falso começou a se apresentar.

- Olá senhor Rafael desculpe a recepção preciso dizer que não gosto de violência, mas as vezes é preciso ter cuidado com criminosos não acha?

Rafael se manteve em silêncio.

- Bom meu nome é Carlos Eduardo, mas isso você já sabe, sou diretor dessa instituição e recebi ordens do major Luiz para te manter aqui, aparentemente você se tornou alguém muito perigoso para a sociedade.

Rafael ao ouvir aquilo começou a falar.

- A sociedade particular de vocês? Como se chama mesmo? A inspect ?

Carlos ao ouvir aquilo se recostou seu corpo para trás e tentou esconder a expressão de surpresa que aquela frase lhe causou.

- Então o senhor já nos conhece? Ótimo isso vai me economizar muito tempo, mas resumindo você mexeu com

pessoas muito poderosas e perigosas e a minha ordem é fazê-lo esquecer de tudo que ouviu sobre nós.

- Se vocês são tão poderosos por que então não me matar e resolver o problema de vocês?

Carlos se ajeitou na cadeira bateu seus dedos na mesa e respondeu.

- Por que matar você seria fácil demais, você não tem ideia do quanto nos fez perder.

- Não sabia que o Bruno e o Wesley valiam tanto dinheiro assim.

Carlos sorriu e respondeu.

- Dinheiro não serve de nada quando se pode ter influência senhor Alysson, mas já conversamos demais pode voltar para o seu aposento.

Um dos guardas se aproximou pelas costas de Rafael e colocou o cassetete em seu pescoço e o ergueu da cadeira o fazendo sufocar e sentir uma dor Rafael caísse no chão de joelhos, Rafael estava

em um estado de completa exaustão. O cassetete pressionava contra seu pescoço, a dor e a falta de ar tornando cada segundo insuportável. Seus pés arrastavam-se pesadamente pelo chão enquanto os guardas o arrastavam pelo corredor frio e sombrio da prisão. Ele tentava manter a postura, mas a dor no pescoço era tão intensa que suas pernas quase não conseguiam sustentar seu peso.

Quando chegaram à cela, um dos guardas o segurou pelos braços e o empurrou para dentro, enquanto o outro, ainda com o cassetete em mãos, finalmente o liberava da pressão cruel. Rafael caiu de joelhos, respirando com dificuldade e sentindo uma dor lancinante se espalhando por seu pescoço e cabeça.

Ele se forçou a se levantar, o corpo tremendo e fraco, e tentou se recompor enquanto caminhava lentamente até o fundo da cela. O som das chaves girando na fechadura ecoou pelo espaço apertado, e a porta foi trancada com um clique seco. Os guardas se afastaram, suas silhuetas desaparecendo na escuridão do corredor.

Rafael estava agora sozinho na cela, o único som que podia ouvir era o próprio ofegar pesado e o ocasional eco distante dos passos dos guardas. O ambiente era sombrio e úmido, com uma luz fraca filtrando-se por uma pequena janela gradeada.

Foi então que uma voz baixa e enigmática surgiu de um canto escuro da cela. A voz era suave, mas carregada de um tom de mistério que fazia o coração de Rafael acelerar.

- Você está em péssimo estado.

Rafael colocou ambas as mãos do chão e com muito esforço levantou seu corpo dolorido e procurou na sua cela escura de onde veio aquela voz, bastou alguns segundos para que Rafael visse mesmo com dificuldade um homem usando um terno cinza claro e sapatos de couro marrom bem lustrado, apesar da visão embaçada Rafael notou quando o homem cruzou seus dedos colocando os cotovelos em seus joelhos, se inclinou para Rafael e começou a falar com uma ironia em sua voz.

> - Quando me disseram que o Bruno fugiu com o rabo entre as pernas eu esperava alguém melhor.

Rafael se arrastou até o canto da parede encostou suas costas e nuca e com a boca seca o questionou sobre quem ele era.

> - Você já ouviu falar de mim, sou Felipe e temos um amigo em comum.

Rafael ainda com a cabeços olhos a para o alto tentando amenizar a dor em sua cabeça respondeu.

> - Acho difícil, não tenho amigos que se vestem tão mal.

Felipe deu um sorriso e começou a falar.

- Você é engraçado senhor Rafael mas isso não vai te manter vivo, me diga para onde Bruno foi e te deixaremos em paz.

Rafael tentou engolir o pouco de saliva que que havia em sua boca e respondeu.

- Já tentou procurar embaixo da cama da sua mãe?

- Bom já que você não quer me ajudar vou perguntar para quem pode, que tal começar pelo Arnom ou melhor por sua amiga Jennifer, acredito que ela tenha muito a me dizer.

Nesse instante Rafael arregalou seus olhos castanhos avermelhados e ameaçou se levantar mas uma dor forte o atingiu fazendo com que caísse novamente e imóvel ficou assistindo Felipe sair de sua cela sem olhar para trás o abandonando em seus pensamentos tempestuosos, Rafael precisava fazer algo mas seu corpo não correspondia, sentia fome e dor quando restou as últimas energias que tinha e num impulso tentou se levantar mas caiu novamente dessa vez com uma forte pancada em sua cabeça que acertou o chão fazendo com que desmaiasse logo em seguida.

Quando Rafael abriu os olhos uma luz entrava pela pequena abertura da grossa parede lhe acertando no rosto, seus braços erguidos estavam doloridos e seus punhos sangravam em contato com a fina corrente que rasgava a carne e sua pele, Rafael olhou ao redor porém o que viu o deixou mais assustado do que antes, uma mesa de metal estava diante dele com diversos objetos de metal, agulhas, bisturis e alicates espalhados sobre uma fina badeja prateada, Rafael mal pode dizer algo quando sentiu uma mão pesada com uma luva de borracha preta apertou seu rosto de forma brutal, sem poder resistir Rafael apenas aceitou sue destino quando uma voz rouca disse próxima ao seu ouvido mas longe de seus olhos.

- Então vai nos dizer onde está o Bruno?

Rafael respirou fundo e aguardou o momento em que o sádico homem apareceu diante de seu rosto e lhe acertou uma cuspida bem em seu rosto o fazendo se afastar surpreso com a reação, deu um sorriso sádico e avançou novamente agora com o punho fechado acertou Rafael em seu ferimento causado por Marcus, Rafael urrou de dor mas se manteve firme, não queria demonstrar fraqueza para o seu torturador, já o homem sabia que estava diante de alguém que não sucumbiria aos seus métodos então foi direto ao ponto, caminhou até a mesa, pegou um fino bisturi, passou o dedão na fina lamina e avançou em direção a Rafael que se manteve impassível e num movimento seco acertou Rafael no rosto começando um fino sangramento em seu rosto, Rafael fechou os olhos e outro forte veio dessa vem na parte interna de seu braço próximo a axila e novamente a reação de Rafael foi ignorar, não satisfeito outro corte agora no busto, um urro abafado

e outro olhar de ódio que foi recebido com outro corte até o processo se repetir 7 vezes, quando o psicopata se afastou de Rafael o parabenizou pois nunca ninguém havia suportado tantos cortes e se mantido acordado mas ele merecia uma recompensa, o medido voltou a mesa e pegou uma seringa e um pequeno vidro, injetou a agulha e secou o vidro enchendo toda a seringa e com extremo prazer em cada passos se aproximou de Rafael e injetou aquele liquido enquanto explicava o que aconteceria a seguir.

> - Meu presente para você é um coagulante, não quero que você sangre até morrer, na verdade quero me divertir um pouco mais já que a dona Sônia me deu carta branca para lidar com você.

Ao ouvir aquele nome, Rafael rapidamente abriu seus olhos injetados de sangue e com muita força acertou um chute entre as pernas do falso médico o fazendo cair no chão de joelhos, Rafael sentiu tanto prazer naquilo que não pode esconder o sorriso em seu rosto, pela primeira vez sentiu algo além de dor e não via a hora de poder colocar as mãos naqueles desgraçados, mas a sua reação durou pouco quando alguns guardas apareceram e começaram a lhe espancar com chutes e golpes de cassetetes, Rafael não conseguia se defender então apenas aceitou os golpes torcendo para que acabasse logo mas o tempo foi passando e então sucumbiu a surra e desmaiou novamente, mas foi acordado novamente com um banho de agua gelada em seu rosto, dessa vez estava sentado em uma cadeira de aço com as mãos nas costas e os pés amarrados, sua punição ainda não havia acabado e seu inquisidor, agora Rafael conseguia vê-lo com total extensão, seu jaleco branco e sua calça jeans e sua experiencia com objetos cirúrgicos denunciavam que era o médico do presidio, e quanto

mais ele chegava perto mais Rafael sentia que aquele medico estava disposta a ir ao limite para conseguir o que quisesse.

Rafael balançou a cabeça e encarou o medico que estava encostado em sua mesa com os braços cruzados porem rapidamente sua aparência calma mudou para um ser humano frio e cruel que acertou um soco em Rafael o fazendo quase cair da cadeira, porem Rafael sorriu e disse olhando nos olhos de seu torturador.

- Você bate igual uma vadia doutor.

O médico agora mais raivoso pegou um taser que estava em sua mesa e colocou no joelho de Rafael e apertou sem nenhum pouco de remorso fazendo Rafael tremer por alguns segundos e cair quase que desfalecido quando um outro balde de água lhe acertou o deixando alerta.

- E agora quem é a vadia seu filho da puta?

Rafael permaneceu em silencio quando tomou outro choque que pela primeira vez o fez urrar, seu corpo estava dormente e sentia formigamento pelo seus braços e pernas, com muita dor Rafael decidiu que não poderia lutar e finalmente se entregou balbuciando pedindo clemencia o que o médico rapidamente se aproximou para ouvir que Rafael falava porem quando menos esperava, Rafael reuniu mais um pouco de força e lhe acertou uma forte cabeçada o fazendo cair de costas no chão, vítima de sua própria crueldade, rapidamente um dor guardas se aproximou do médico, pegou o taser e novamente deu um choque em Rafael que desmaiou, quando acordou estava em sua cela com diversas marcas pelo seu corpo, seus cortes estavam costurados e diversas bandagens cobriam o seu corpo, quando resolveu se levantar a

mesma voz que antes se apresentou como Felipe lhe disse com a mesma calma de sempre.

- Não precisa me agradecer.

Rafael olhou ao redor da cela e não o encontrou, porém percebeu que a voz vinha do lado de fora da cela de dois pequenos olhos escuros que o encaravam.

- Pelo que?

- Por impedir que eles te matassem.

Rafael encarou por detrás da grade e disse

- Não me diga que Deus tocou em seu coração

- Quase isso senhor Alysson, que tal você só me dizer para onde Bruno foi e acabamos logo com isso?

- Olha eu queria te falar, mas realmente eu não sei.

- Porra Alysson, que pena pra você, mas infelizmente você não tem muito tempo, mandarei lembranças suas para o Arnom e para a Jeniffer.

- Desgraçado se encostar um dedo nela eu vou te matar, ouviu te matar!!!

Rafael gritou, mas percebeu que não havia mais ninguém ali, resolveu que precisava poupar energia e assim fez fechando seus olhos doloridos e cochilando o máximo que pode antes de alguém invadir sua cela novamente para mais uma sessão de tortura.

Na manhã seguinte mesmo com dificuldade conseguiu se levantar e passar a mão por cima de seu cabelo e encontrar um pequeno corte com um pouco de sangue que estava em sua cabeça, respirou fundo e se colocou sentado na cama de concreto e passou alguns minutos repassando tudo que havia acontecido na noite anterior, pensava no Felipe e quem ele deveria ser, repassou todas as pessoas que passaram em sua vida mas aquele nome era totalmente estranho até que algo lhe despertou a atenção, Felipe havia sido o policial que estava encarregado de investigar o Bruno antes dele mas como arnom havia confirmado ele estava morto, mas se não fosse a mesma pessoa seria muita coincidência e Rafael não acreditava nelas precisava entrar em contato com Arnom de alguma forma então começou a encontrar maneiras de falar com ele mas era impossível alguém lhe deixar fazer uma ligação, a essa altura Eliel nem lembraria que ele existia então só lhe restava fugir dali de alguma forma então começou a bolar um plano.

Enquanto estava mergulhado em seus pensamentos a pesada porta de aço se abriu e um dos guardas lhe passou uma bandeja com um pouco de comida, um café em um copo descartável de plástico, dois pães com um pouco de manteiga, apesar do seu impulso automático resolveu esperar até que a porta fosse trancada e se sentisse seguro, com passos lentos caminhou até a porta e ouviu quando o guarda fechou o outro portão que lhe dava acesso ao corredor isolado no qual se encontrava. Rafael então começou a comer sempre atento ao que lhe fora oferecido já que

temia que pudesse ser envenenado quando finalmente terminou de comer Rafael voltou para a sua cama e esperou até que o diretor lhe fizesse a sua visita diária, as horas foram passando e mais nenhum passo foi ouvido após o daquele guarda e Rafael ficava cada vez mais impaciente e perdendo a esperança quando ouviu um alarme extremamente alto começou a ecoar pela prisão e Rafael sabia o que viria a seguir.

Poucos minutos se passaram quando gritos começaram a assombrar o corredor onde Rafael estava e pelas vozes Rafael calculou 2 a 3 pessoas então se preparou para o ataque fechando suas mãos e firmando seus pés diante da porta até que finalmente ela se abriu num gesto rápido Rafael finalmente viu dois guardas e o diretor então o questionou sobre o que estava acontecendo o que o diretor respondeu de modo ríspido.

> - Uma pequena rebelião, mas se preocupe somente com você e então onde está o Bruno?

Rafael respirou fundo e agradeceu em silêncio ao acaso pois aquela era a oportunidade perfeita.

> - Sabe diretor, fiquei meio decepcionado porque achei que você ia fazer o trabalho sujo não mandar alguém fazer.

O diretor fez um aceno com a cabeça para que os guardas se aproximassem quando Rafael se preparou para o combate, quando um dos guardas se aproximou Rafael fechou seus punhos e deferiu um soco mais forte que pode direto em seu maxilar o quebrando porém um dos guardas se aproximou por de trás do Rafael porém ao prever seu movimento Rafael lhe acertou uma cotovelada direto em seu nariz fazendo com que o sangue começasse a escorrer rapidamente porém o diretor ao ver aquilo começou a se afastar para fora da cela foi então que Rafael acelerou seus passos o pegando pelo terno e lhe acertou um soco no estômago fazendo com que baixasse a guarda o mantendo ofegante Rafael aproveitando o momento passou a mãos pelo seus bolsos procurando algo que lhe pudesse ser útil, encontrou as chaves do carro Rafael então aproveitou o momento de fragilidade e resolveu inverter os papéis e perguntar sobre o homem que invadiu sua cela, o diretor ainda em estado de choque pelo seu descuido começou a falar com um claro pavor em sua voz.

> - Eu não sei, ele só entrou em contato comigo dizendo que queria ter uma reunião com você.

Rafael apertou com mais força antes de perguntar novamente.

> - Por que eu estou aqui? E por que não me mataram logo que cheguei?

- Nã... não sei... recebi uma ligação do secretário de justiça ordenando que te mantivesse aqui.

- Qual o nome dele?

Rafael falou mais com mais agressividade em sua voz enquanto apertava o nó da gravata do diretor.

- Luiz o nome dele é Luiz.

Rafael agradeceu as informações e bateu a cabeça dele chão de concreto o deixando desacordado porém o tempo era o seu maior inimigo precisava agir rápido então foi até o guarda que estava desmaiado pegou seu molho de chaves e começou a despir o corpo desfalecido e começou a trocar de roupa com ele, alguns minutos depois Rafael abriu a própria de sua própria cela e começou a caminhar com cuidado já que ainda era o fugitivo, Rafael se aproximou do portão quando viu um guarda de costas, Rafael então gritou e começou a correr em direção ao portão o que provocou um susto no inocente guarda.

- Rápido abra o portão, o diretor foi atacado.

O guarda ainda trêmulo começou a procurar a chave até que finalmente a encontrou e abriu o pesado portão de aço, ao passar

pelo guarda Rafael aproveitou sua distração e lhe acertou um golpe com o cassetete em sua cabeça fazendo com que desmaiasse de imediato, Rafael arrastou o corpo pesado do guarda o deixando escondido da vista de todos e começou a caminhar de modo mais calmo pelo corredor, o local onde estava era isolado quase esquecido mas a fumaça dos outros pavilhões começava a preencher os corredores e os gritos ficavam mais alto cada vez que Rafael se aproximava da saída, Rafael se aproveitando da fumaça e da bagunça consegui chegar ao pátio onde havia um amontoado de guardas e poderia se misturar, Rafael não sabia o que lhe esperava então num momento de caos o portão principal da penitenciária se abriu para a entrada da tropa de choque e aproveitando da correria Rafael correu até o estacionamento tirou as chaves do bolso e apertou o botão de alarme fazendo com que um Chevrolet Onix soasse um som e acendesse as lanternas Rafael correu até o veículo, adentrou nele e saiu pela porta da frente indo de encontro ao homem responsável por que colocar naquele inferno.

Luiz.

Rafael dirigia com os olhos fixos no retrovisor, o suor escorrendo por suas têmporas, mesmo com o ar-condicionado ligado. A cada esquina, esperava ver as luzes giratórias de uma viatura, ou ouvir o som distante de sirenes. Seu coração batia tão forte que ele quase podia senti-lo pulsar em suas mãos, trêmulas no volante. Estava acostumado a esse tipo de adrenalina, mas, naquela noite, algo era diferente. O risco parecia maior. Ele havia cruzado uma linha que não deveria ter cruzado.

As ruas de Balneário Camboriú estavam misteriosamente vazias, o que só aumentava sua paranoia. “Por que não tem ninguém por aqui?”, pensou, enquanto acelerava o carro. Não podia se dar ao luxo de ser pego agora, não com aquele carro. Sabia que logo o veículo estaria em alguma lista de procurados, com placas estampadas em todos os boletins policiais. "Preciso me livrar disso rápido", repetia para si mesmo, quase como um mantra.

Quando avistou as imponentes torres de concreto à distância, que marcavam o horizonte da cidade, seu corpo relaxou ligeiramente. Era aqui que Luiz morava — seu próximo alvo. Mas Rafael sabia que não podia cometer erros. Cada passo precisava ser calculado, cada movimento, planejado com precisão.

Com uma mão firme no volante e a outra suando sobre o celular, discou o número de Luiz. Cada toque de chamada era como uma facada de ansiedade, penetrando mais fundo em sua mente. Ele precisava que Luiz estivesse sozinho, distraído, vulnerável. Sabia que o medo o consumia, mas não podia deixar que isso transparecesse agora. O plano estava em curso, e não havia volta.

Sua mente viajou por um breve momento, relembrando cada detalhe que o levou até aquele ponto. Os erros que cometeu, as pessoas que enganou. E Luiz era o último obstáculo. "Ele não pode desconfiar de nada... não agora", pensava, enquanto a ansiedade ameaçava tomar conta. Era o momento de agir. Sem hesitação.

Finalmente, após o que pareceram horas, uma voz atendeu do outro lado. Havia algo errado. Rafael podia sentir a tensão na voz de Luiz. Uma preocupação velada, uma hesitação que não combinava com a calma que ele normalmente exibia. "Será que ele sabe?", Rafael pensou, o suor se intensificando. Ele precisaria ser rápido, preciso, antes que qualquer coisa saísse do controle.

- Carlos o que está acontecendo onde está aquele policial?

Rafael pensou em cada palavra, como se estivesse diante de um campo minado. Cada sílaba errada poderia explodir tudo. Sentia a pressão nos ombros, mas seu rosto precisava mostrar calma. A lembrança do nome de um dos guardas que derrubou atravessou sua mente, como um lembrete cruel de quão fundo ele havia afundado nesse jogo perigoso. "Vinicius...", murmurou para si mesmo, como se confirmar o nome o ajudasse a manter o controle da situação.

Ele respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar gélido do carro, tentando abafar o turbilhão de pensamentos que ameaçava invadir sua mente. Sabia que Luiz poderia perceber qualquer traço de nervosismo. Não podia demonstrar fraqueza. Tudo dependia de sua próxima fala, da maneira como jogaria com as palavras.

Alysson, finalmente, respondeu com uma voz firme, ensaiada, fria

- Aqui não é o Carlos, meu nome é Vinícius.

Antes de continuar Luiz o interrompeu bruscamente com raiva em sua voz.

- Quem porra é você? Cadê o Carlos ?

- Senhor, o diretor foi ferido e o desgraçado fugiu, o diretor pediu para levar o senhor para um lugar seguro ele acredita que o prisioneiro vai atrás do senhor.

Rafael disse aquela frase esperando uma recusa, mas a sorte havia virado a seu favor.

- Que droga vocês são fazem idiotisse e a Sônia vai acabar com a gente, me encontre na garagem do meu apartamento. Estou no edifício tag número 268.

- Senhor o Carlos pediu para que o senhor nos encontre na garagem sozinho e hipótese alguma atenda o telefone.

- Então venha logo porra.

Rafael já tinha o que precisava, Luiz estava confiante de que era impossível Rafael invadir sua cobertura mas mal sabia que acabará de dar a chave de sua casa e Rafael sabia exatamente o que fazer.

Rafael parou o carro a poucos metros da cobertura e começou a observar o movimento do edifício, havia pouco movimento, porém havia câmeras espalhadas pela rua, precisava ser furtivo foi então que começou a dirigir em direção ao imenso prédio até que parou em frente a guarita do porteiro, abriu a janela e em tom de autoridade disse.

- Polícia de Florianópolis... Abra a cancela, preciso falar com o senhor Luiz rápido.

Ao ver aquilo o pobre porteiro se apressou em abrir passagem para Rafael que entrou com os faróis acesos na garagem levemente escura e aguardou até que viu um homem usando um terno azul escuro com uma gravata de cetim cinza, ao ver o carro de Carlos a primeira reação do Luiz foi correr assustado em direção ao carro com passos rápidos e espaçados até que finalmente Rafael saiu do carro com a arma escondida em suas costas se aproximou de Luiz e num reflexo rápido lhe apontou a arma e o ordenou para que ficasse em silêncio o que Luiz aceitou sem hesitar Rafael entrou ordenou para que caminhasse para o apartamento, Luiz mesmo contrariado não estava disposto a entrar em um embate com aquele homem que tinha uma arma apontada para a sua espinha então aceitava suas ordens sem pestanejar, Luiz sentia cada passo do Rafael atrás de si como uma sombra até que finalmente chegaram no elevador, ambos entraram e a porta se fechou, Luiz com as mãos trêmulas selecionou o seu andar aos olhos gelados do Rafael até que finalmente não aguentou o silêncio e o questionou quem era.

- Não me reconhece? Sou Rafael o homem que vocês estão procurando.